



COMO SERÁ O  
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



## MODELO ROXO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

### Possíveis travessias para o caminhar da pesquisa sobre as Yabás e os arquétipos femininos na formação de identidades de gênero

Ana Carolina de Oliveira Souza<sup>1</sup>

Durante o primeiro semestre de 2026, mergulhei nas possibilidades da interdisciplinaridade e da metodologia de pesquisa, através da disciplina da professora Greciely Costa, conhecendo profundamente os diversos inter pares que formam estas áreas sempre em desenvolvimento no Brasil e no mundo.

No percurso da disciplina, em sua primeira parte, conhecemos mais profundamente sobre os conceitos, fundamentos e perspectivas da interdisciplinaridade, assim como os embates e questões que permeiam sua construção. Já na segunda parte, priorizamos metodologias de pesquisa e procedimentos metodológicos (Jupiassu, 2006).

Alguns métodos já eram conhecidos, como a entrevista em profundidade, aula que foi ministrada brilhantemente pela professora Denise Carvalho e a aula de análise de conteúdo que foi lecionada pela professora Sabine Righetti. Porém, uma metodologia que foge do plano cartesiano, fez brilhar os olhos, os meus e de muitos alunos da turma.

Trata-se do método mesas de trabalho, desenvolvido e ministrado pela professora Susana Dias, que também é editora da revista de ciência e arte *ClimaCom*<sup>2</sup>. Através dessa aula, ampliei ainda mais os horizontes das ciências e me questioneei sobre qual metodologia se aplicaria melhor ao meu trabalho.

Em minha dissertação, busco compreender como a cosmologia das Yabás transgride as convenções sociais de gênero, sendo as Yabás, as orixás<sup>3</sup> femininas da mitologia das religiões afro-brasileiras, que apresentam um sistema simbólico, representando forças da natureza e dimensões da vida social, afetiva e política.

As mesas de trabalho se apresentaram como uma possibilidade, de um método que pensa na intervenção artística, no fazer manual e que se apresenta como um modo de trabalho (Dias; Brito, 2022) que torna a prática acadêmica mais próxima da comunidade. As mesas geralmente acontecem em espaços públicos, com a mesa montada e a disposição dos materiais para desenvolver os trabalhos, que podem ser: colagens, costuras, fazer ninhos, entre outros, dependendo do tema.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. E-mail: a300460@dac.unicamp.br

<sup>2</sup> Para conhecer mais sobre a revista *ClimaCom* acessar:  
<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>.

<sup>3</sup> “O ponto de partida da nossa jornada está no entendimento de que os orixás são forças da natureza, divindades ancestrais, mas também arquétipos que vivem dentro de nós” (Xavier, 2026, p.11)



Como no artigo “Escrever (com os) pássaros: fazer ninhos diante do antropoceno” (Bellini; Miranda; Dias, 2024), que foi a indicação de leitura para essa aula, observamos o processo de fazer ninhos, como um processo que não é natural para o humano, pois envolve equilibrar gravetos de maneira a sustentar a ninhada e os próprios passarinhos. Na dinâmica da aula, também foram disponibilizados os ninhos para que tentássemos fazê-los. Confesso que preferi a colagem e desenhar caminhos entre águas.

Para o meu trabalho, pensando na orixá Iansã, deusa das mudanças, dos ventos e das tempestades, conhecida por seu temperamento insubmisso e curioso, poderia ser feita uma mesa de trabalho em ambiente natural, como o Casarão Pau Preto, museu localizado no município de Indaiatuba, tombado em 1997 que faz parte do Roteiro Viva a História<sup>4</sup> do mesmo município e que recebe eventos literários e musicais. Ou mesmo na praça da paz na Unicamp. Elementos pensados para além da mesa: água, fogo, movimento, vento, trovão, borboletas, espada, palhas, pôr do sol, cobre, raios, bracelete, búfalo, *Eruexim*<sup>5</sup>.

“Nas “mesas de trabalho” apostamos que a arte é um fazer junto, um viver junto, um “perceberfazer-floresta” juntos, criar novos mundos, novas formas de subjetividades (Dias, 2020)” in (Dias; Brito, 2022, p.203). Assim, buscamos uma construção em conjunto, para além da palavra teórica, mas por uma prática que utiliza dos outros sentidos para nascer: tato, olfato, audição e visão, e por que não, o paladar, podendo ser ofertada a comida de oferenda a Orixá, que no caso de Iansã é o acarajé (ou *akará*), feito de massa de feijão-fradinho, cebola e frito no azeite de dendê: representando a energia, a força e o fogo dessa orixá.

Por outro lado, essa metodologia implica em pedir autorizações tanto para a Unicamp, quanto para a Plataforma Brasil, assim como autorizações aos participantes. Além das burocracias, o mestrado com duração de dois anos, talvez não seja o tempo ideal para aplicação das mesas, visto que a mesa de Iemanjá - a orixá dos mares, precisaria ser feita na praia. O que demandaria tempo e deslocamento com os materiais. Talvez o doutorado seria o tempo ideal para essa composição.

Há muitos caminhos nessa encruzilhada. Reflito aqui sobre possíveis caminhos metodológicos, na busca de construir o objeto conforme pesquisa, nas encruzilhadas teórico-metodológicas, dúvidas, crenças e trocas que se fazem como caminho. Invoco Exu como método me baseando na tese da artista Déa Trancoso (2024) para “suspender a lógica acadêmica cartesiana e linear para habitar o inacabado, o incerto e o múltiplo” e encontrar meu caminho.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Metodologia de pesquisa; Mesas de trabalho; Orixás; Yabás; Arquétipos.

---

<sup>4</sup> Roteiro Viva a História:

<https://www.indaiatuba.sp.gov.br/cultura/departamento-de-preservacao-e-memoria/viva-a-historia/>.

<sup>5</sup> *Eruexim* é um instrumento sagrado e um dos principais símbolos da Orixá Iansã nas religiões de matriz africana. É formado por um rabo de cavalo preso a um cabo de metal, madeira ou palha, e é utilizado para controlar os ventos e fazer a ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos.



COMO SERÁ O  
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



## REFERÊNCIAS

BELLINI, L. ; MIRANDA, E. ; DIAS, S. O. **Escrever (com os) pássaros: fazer ninhos diante do antropoceno.** In: Maria dos Remédios de Brito e Lindomberto Ferreira Alves. (Org.). *Desejar o menor das grafias, ensaiar escrituras outras desde aí.* 1ed. Belém: Editora PPGArtes UFPA, 2024, v. 1, p. 99-118.

DIAS, Susana; BRITO, Maria dos Remédios de. **A arte pública diante do Antropoceno: experimentações em “mesas de trabalhos”.** In: FUREGATTI, Sylvia; BASSANI, Thiago Samuel; SEQUEIRA, Alexandre. *Arte pública no Brasil: convergências e dissensos.* Campinas, SP: IA/UNICAMP, 2022. pp. 201-210. Disponível em: <https://geapbr.files.wordpress.com/2023/03/anais-geap-br-2022-3.pdf>. Acesso em: 07.08.2026.

DIAS, Susana. **Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educações e comunicações diante do Antropoceno.** In: Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais, v. 16, n. 1, p. e12/1–22, 2023. DOI: 10.5902/1983734884146. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84146>. Acesso em: 07.08.2026.

DIAS, Susana. Org. **Exu: arte, epistemologia e método. Revista ClimaCom Cultura Científica.** Campinas, ano 12, n. 29, 2025. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/apresentacao-editorial-exu-arte-epistemologia-e-metodo-ano-12-n-29-2025/>. Acesso em: 08/07/2026.

JUPIASSU, Hilton. **O espírito interdisciplinar.** Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, RJ, v. 4, n. 3, p. 1 a 9, 2006. DOI: 10.1590/S1679-39512006000300006. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/7401>. Acesso em: 08/09/2026.

TRANCOSO, Déa. **Catimbó Zen: existências compartilhadas – uma Filha da Folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura.** Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação. Tese de Doutorado. 2024.

XAVIER, Ernesto. **Na Trilha dos Orixás: sabedoria ancestral e caminhos de axé no mundo contemporâneo.** São Paulo, SP: Goya, 2026.